

Polis, selvageria e política em Filoctetes de Sófocles¹

Matheus Barros da Silva²

Resumo

Pretendo perceber na tragédia do herói arqueiro, no seu abandono e estado lamentável, uma discussão por parte do poeta Sófocles, da tensão que havia naquele momento em Atenas entre grupos que defendiam o modelo de cidade democrática, onde não importando o estatuto social de cada cidadão, sua participação na política era assegurada e facções oligárquicas que não aceitavam a soberania popular em Atenas. É importante lembrar que a tragédia *Filoctetes* foi levada ao teatro no ano de 409, e poucos anos antes, em 411, os cidadãos pobres atenienses foram privados de sua condição de cidadão, justamente por uma medida oligárquica.

Palavras-chave. Tragédia Grega, *Filoctetes*, Atenas, solidão, selvageria.

Abstract

Intends to realize in the tragedy of the hero archer, in his abandonment and pitiful state, a discussion on the part of the poet Sophocles, the tension that had at that time in Athens between groups that advocate the model of democratic city where no matter the social status of each citizens, their political participation was ensured and oligarchic factions who did not accept the sovereignty of the people in Athens. Important to remember that *Philoctetes* was brought to the theater in the year 409, and a few years earlier, in 411, the poor Athenian citizens were deprived of their citizenship, just because a measure oligarchic.

Keywords. Greek Tragedy, *Philoctetes*, Athens, solitude, wildness.

Introdução

A Tragédia Grega não era destinada a um grupo de pessoas específico no interior da *polis*, mas ao contrário, abarcava a própria cidade, os cidadãos:

As tragédias gregas estavam destinadas aos cidadãos atenienses; não a um público específico de amantes do teatro, mas a todo corpo cívico da cidade mais poderosa do mundo naquele período. A poderosa Atenas da época de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípidas no V século a.C. (MEIER, 1991, p. 7).

Devido a este fato, denomina-se a Tragédia Grega como espetáculo político, pois, discute no palco as questões que dizem respeito ao universo da cidade. Na Tragédia problematiza-se o poder, a conduta humana, a guerra, a paz, etc. Mediante os olhares atentos dos cidadãos na plateia, aqueles aspectos são representados, mesmo debatidos.

Se a Tragédia Grega fala a *polis* e também sobre a mesma, é interessante pensar a questão da participação popular nos festivais trágicos. Assistir uma tragédia era radicalmente diferente do sentido existente em frequentar o teatro atualmente. Se hoje há, em qualquer dia da semana, a possibilidade de ver uma peça que está em cartaz, de acordo com gostos subjetivos por tal e qual gênero, atores, autores, etc., o cidadão de Atenas encarava a ida ao teatro como mais um aspecto que compunha seu campo de ação política.

¹ As citações do *Filoctetes* correspondem à edição: Filoctetes. Edição bilíngue, tradução, introdução e notas Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

² Mestrando em História - Universidade Federal de Pelotas/RS

A Tragédia é uma questão da *polis*, e ir ao teatro passava por um dos atos que os cidadãos – *politai* – deveriam praticar:

Para entrar no teatro se pagavam dois obolos, cerca de um dia de trabalho para um trabalhador braçal, e cada cidadão recebia uma entrada provavelmente por meio de sua *deme*. Havia, entretanto, um fundo chamando de Fundo Teórico que concedia dois obolos a qualquer cidadão que os desejasse (...) ele provém do mesmo compromisso ideológico que pagava aos cidadãos para comparecer à banca de jurados e para remar na Marinha, ambas as funções do cidadão na democracia (GOLDHILL, 2007, p. 202).

Têm-se aqui a questão sobre a frequência popular ao teatro. O fato de existir um fundo destinado a subsidiar a frequência de cidadãos aos festivais trágicos é mais um aspecto do compromisso que havia por parte da cidade com a Tragédia. Há indicações que esse subsídio foi instaurado por Péricles (ROMILLY, 1999, p. 16). Comprometimento que demarca a Tragédia Grega enquanto Arte Política.

Com efeito, o universo da cidade grega, suas problemáticas na esfera política, religiosa e militar, agem como medida ao espetáculo trágico. Em última instância, a *polis* representa a si mesma no teatro. Representar neste momento significa questionar-se, questionar as próprias práticas, ou seja, atuação própria do modelo democrático de Atenas. É a possibilidade de formular questões sobre o convívio humano, não mais mediado por relações de parentesco ou religiosos, que conforma o espaço da política. Desta forma, a Tragédia Grega teve existência enquanto a autoridade – *arche* – estava posta ao centro do âmbito político, aberta a discussão.

Percebe-se assim, o cunho de manifestação política na Tragédia. O trágico está inserido na cidade, portanto, dialoga com aquele contexto, ou seja, Atenas do V século³. Mas uma questão se coloca: *o que se entende por contexto no presente estudo?* Propõe-se seguir as indicações de Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet:

Trata-se, em nossa opinião, de um contexto mental, de um universo humano de significações que é, conseqüentemente, homólogo ao próprio texto ao qual o referimos: conjunto de instrumentos verbais e intelectuais, categorias de pensamento, tipos de raciocínios, sistemas de representação, de crenças, de valores, formas de sensibilidades, modalidade de ação e do agente (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988, p. 20).

Há de entender que, a Tragédia Grega não reflete pura e simplesmente uma realidade histórico-social em que está inserida. Antes, o trágico toma a cidade como objeto de um debate, falar cidade é dizer relação social entre aqueles que compunham o corpo cívico.

³ Suprime-se a sigla a.C., pois, todas as indicações cronológicas são anteriores à mesma.

Relações que, no seio da tragédia são questionadas, colocadas como problemáticas. Desta maneira, “*cada peça constitui uma mensagem encerrada num texto*” (VIDAL-NAQUET; VERNANT, 1988, p. 20), e certamente o texto mantém um diálogo com o contexto, pois é nessa ligação entre contexto e texto trágico que é possível a plena comunicação entre poeta trágico e a plateia dos cidadãos reunidos no teatro.

Pretende-se seguir tais indicações neste estudo. Realizando uma análise da peça *Filoctetes*⁴ de Sófocles a luz de seu contexto histórico, ou seja, a Atenas do final do V século. O estudo aqui desenvolvido se debruça fundamentalmente na primeira parte do texto trágico, onde são apresentados a Ilha de Lemnos como espaço desértico, e a descrição de Filoctetes, caracterizado como um ser entre a humanidade e selvageria. Aprofundo meu recorte ainda mais. Interessa também perceber na tragédia do herói ferido, no seu abandono e estado lamentável, uma discussão por parte do poeta Sófocles da tensão que havia naquele momento em Atenas, entre grupos que defendiam o modelo de cidade democrática, onde não importando o estatuto social de cada cidadão, sua participação política era assegurada, e facções oligárquicas que não aceitavam a soberania popular em Atenas. Importante lembrar, *Filoctetes* foi levada ao teatro no ano de 409, e poucos anos antes, em 411, os cidadãos pobres atenienses foram privados de sua condição de cidadão, justamente por uma medida oligárquica.

A solidão do herói: entre a *polis* e a selvageria

O local de ação de uma tragédia pode contribuir para construção dramática da ação trágica. Esta visão vai de encontro a Aristóteles que, descreve o espaço do espetáculo trágico como algo secundário, colocando toda ênfase na ação (Poética. 1453b). Justifico a ousadia, pois procuro no cenário de *Filoctetes* indicações que julgo sim, de relevo ao estudo proposto, ou seja, uma relação com Atenas ao final do V século.

Filoctetes ocupa uma posição de destaque entre as tragédias de Sófocles no que tange ao espaço de ação, ao menos entre as peças que chegaram até nossos dias. *Ájax* tem como fundo um acampamento de guerreiros gregos diante das portas de Tróia, é um ambiente que lembra um espaço citadino; *Electra*, *Édipo-Tirano*, *Antigone* e *As Traquínicas* são encenadas diante representações que remetem a palácios, elementos que levam de uma realidade políade;

⁴ Sófocles teria escrito mais de cem tragédias, das quais apenas sete chegaram aos nossos dias (ROMILLY, 1999, p. 11).

em *Édipo em Colono*, o ambiente da peça é uma localidade de Atenas; *Filoctetes*, por outro lado, é a mais densa solidão (SANTOS, 1990, p. 162).

Neste momento, o presente estudo pretende discutir a condição desértica da ilha de Lemnos, a solidão e abandono de Filoctetes. Para levar a termo a proposta, retira-se do texto de *Filoctetes* passagens que permitam elucidar a problemática estabelecida. A solidão remete ao aspecto de precariedade da vida do herói, e o espaço nada humanizado traz o imaginário da selvageria, confinamento político, social e religioso.

Na abertura da tragédia fica evidente o local descarnado de humanidade que é a ilha de Lemnos:

Odisseu: Eis que se descortina o cabo que ondulas
lêmnicas circum-envolvem.
Rastros de homem
não há, tampouco traços de morada (vv. 1-3).

Não é possível saber como se montava um cenário de tragédia, nenhum autor trágico manteve um manual de como montar o “palco” de seus espetáculos, não há indicação alguma, nem mesmo no que diz respeito às indumentárias. Temos apenas o texto trágico, e todo estudo sobre a Tragédia Grega deve ser a partir dele⁵.

A citação anterior é a abertura da tragédia *Filoctetes*, as primeiras palavras são proferidas por Odisseu. Ao ler aqueles versos, fica claro a situação de total deserto e abandono com que Lemnos é caracterizada. O fato de ser uma ilha já denota um ar de isolamento, um espaço cercado de água, avesso por sua natureza a qualquer comunicação. Ainda na mesma passagem nota-se o caráter desumanizado da localidade. Não há vestígios de ser humano, não há nada que lembre uma morada, uma casa, *oikos*:

O espaço cênico estabelecido em Lemnos, ilha situada a nordeste da Hélade, é definido com detalhes no prólogo. Nessa ilha, em vez de grandes palácios no fundo da skené, temos uma caverna figurada em um painel (...), disposta de tal forma que uma das entradas está voltada para o público e outra dá para o fundo da cena. Junto a essa pintura da caverna, provavelmente estavam também pintados o mar azul e o céu com algumas nuvens, e rochedos, sempre referidos no texto. Poucos objetos presentes para compor o restante do cenário: pedras, gravetos, folhagens secas e alguns trapos secando ao sol, próximos à caverna (BRANDÃO, 2008, p. 25).

⁵ Estamos mais bem informados sobre as máscaras usadas na Tragédia Grega. O uso de máscaras no espetáculo trágico possuía uma função bem definida, estava destinada a marcar a posição do ator em cena. Diferentemente dos cantos ditirâmicos, onde a máscara evocava silenos, sátiros, etc., seguidores do deus Dioniso, na ação trágica, a máscara é essencialmente humana, possui função estética, o disfarce em uma tragédia evoca os heróis da épica arcaica, é Hércules, Odisseu, Ajax, Agamêmnom, etc., que se observam no palco, pelas máscaras (VERNAT. VIDA-NAQUET, 1991, p. 21-22).

Neoptólemo, a mando de Odisseu, verifica a caverna onde vive Filoctetes, o jovem guerreiro faz os seguintes questionamentos diante do que observa no espaço:

Neoptólemo: Será um leito o tufo de folhagem?

Odisseu: Mas isso é tudo sob o teto?

Neoptólemo: Há uma copa de pau, que um pobre artífice fabricou, mais uns trochos para o fogo.

Odisseu: Parece indicar-me seu tesouro.

Neoptólemo: Oh, céus! Que nojo! Uns panos rotos cheios de purulento pus secam ali! (vv. 33-39).

Percebe-se tanto na própria descrição do habitáculo, quanto no espanto de Neoptólemo com o local, que nada ali é capaz de lembrar alguma humanidade. A própria copa de pau mencionada é caracterizada como resultado de um pobre artífice, não há trato algum. Assim, é interessante pensar que, Lemnos na cultura helênica é conhecida como a ilha de Hefestos, o deus artífice, uma divindade não grega. Hefestias era a principal cidade de Lemnos que, no VI século ainda se mantinha independente e não grega (BURKERT, 1993, p. 328). Nesse sentido, há duas implicações: primeiramente, se até o VI século Lemnos estava fora do círculo de influência helênica, quando da representação de Filoctetes, no V século, esse caráter de estranheza é verossímil que estivesse de certa forma vivo na mente dos atenienses. Em segundo lugar, pode-se fazer a ligação entre os artefatos feitos por Filoctetes para sua subsistência – a copa de pau, etc. –, com Hefestos, artesão divino. Mesmo sendo um deus cultuado na Grécia – em Atenas é onde o deus possuía um culto forte – sua origem não é grega, assumindo assim uma posição de diferenciação diante dos olímpicos. No mito, Hefestos possui os pés defeituosos, devido sua queda do céu, assim não é perfeita beleza como demais divindades gregas. Deus artesão, não grego e com defeito físico, eram elementos que os gregos conheciam sobre Hefestos, quando estavam assistindo Filoctetes, esse imaginário agia de maneira a demonstrar a situação de fora do mundo do herói abandonado em Lemnos.

Filoctetes habita uma *não-polis*. Se Lemnos não possui nada que possa a considerar uma *polis*, então muito menos a caverna de Filoctetes pode lembrar um *oikos*, casa. Uma *não-polis*, uma *não-humanidade* é o que se percebe ao entrar em contato com o texto de *Filoctetes*.

É possível observar o modelo políade como um espaço simbolizado. Seguindo as indicações de Marc Augé do que vem a ser um espaço simbolizado:

Tal simbolização, que é fato em todas as sociedades humanas, visa a tornar legível a todos aqueles que frequentam um mesmo espaço, um certo número

de esquemas organizadores, de referências ideológicas e intelectuais que ordenam o social. Esses três temas principais são a identidade, a relação e, precisamente, a história. Eles são, na realidade, imbricados uns nos outros (AUGÉ, 1997, p. 14).

Neste sentido, em Lemnos tudo que pode organizar um espaço, torná-lo inteligível, humano, está ausente, apenas há o herói ferido Filoctetes, que em certo esforço luta para manter sua condição humana.

Os elementos de vida que são descritos na citação anterior remetem o leitor – tanto hoje, como o espectador cidadão ateniense – a um mundo da barbárie, da selvageria. Lemnos em momento algum da peça lembra uma cidade, o mesmo se aplica ao habitáculo do herói:

Os únicos indícios de vida humana na ilha não constituem o que o homem grego do século V. a.C. entendia por habitação, com espaços divididos segundo as necessidades, os costumes e em cujo centro, sem dúvida, havia um altar, o fogo à deusa Héstita. Ao contrário, as palavras de Neoptólemo mostram uma habitação que no olhar do homem do século V era sinal de algo primitivo, símbolo mesmo de um estágio anterior da humanidade, de um tempo selvagem em que o homem também asselvajado não é capaz de construir o seu espaço, mas habita em espaços naturais, em cavernas (BRANDÃO, 1990, p. 163).

O espaço políade, na mentalidade grega do V século deveria ser organizado, ter um centro, característica do que é civilizado:

O espaço exige um centro, um ponto fixo, com valor privilegiado, a partir do qual se possam orientar e definir direções, todas diferentes qualitativamente; o espaço, porém, se apresenta, ao mesmo tempo, como lugar do movimento, o que implica uma possibilidade de transição e de passagem de qualquer ponto a um outro (VERNANT, 1990, p. 194).

No pensamento grego é o homem que toma a frente na construção da ordem em um espaço, em um mundo que não é inteiramente ordenado (GONÇALVES, 1991, p. 109). Nesse sentido, o humano necessita da convivência com seus iguais, sua comunidade política. Nessa relação de reciprocidade o cidadão se realiza, marca sua posição no mundo da decisão. Na ilha de Lemnos essas características não podem ser verificadas. Pensar diferentes direções é ter em conta possibilidades de decisão, para tanto é necessário grupos humanos diferenciados, mas equitativamente semelhantes no plano da deliberação. Tudo isso falta em Lemnos, fazendo com aquele espaço seja ressaltado como um ambiente a meio caminho de fazer parte do mundo.

Lemnos está em relação ao mundo, fora e dentro ao mesmo tempo. Dentro porque faz parte do mundo enquanto espaço geográfico, fora, pois não possui a construção de uma

vivência ordenada. Na ilha não existe sequer a possibilidade da convivência. O homem político busca o convívio, seu lastro intelectual o informa que, a vida civilizada é construída em um espaço que abrange grupos humanos iguais no plano político, na intersecção mantida entre os homens, na discussão, no exercício do diálogo, o cidadão constrói a si. Por esse motivo, é lícito referir-se à Lemnos como um plano bárbaro, a ausência do humano a deixou em um estágio selvagem.

A ilha de Lemnos, no imaginário grego, era cenário de narrativas míticas. A ilha era conhecida por ser uma localidade destituída de vida civilizada, pois fora povoada por grupos de piratas (DAGIOS, 2012, p. 112).

Na Odisseia, Lemnos aparece não como deserto, é habitada, não por helenos, mas por Síntios, um povo de fala ininteligível (vv. 292-294) que, são em última instância bárbaros ao olhar grego. Isso demonstra que, já na formação do pensamento grego, a ilha surge como espaço não afeito a vida normatizada. Assim, dotada destas características, no mito Lemnos nada mais pode abrigar que a selvageria.

Havia entre os gregos um conhecido relato sobre Lemnos, que colocava a ilha como local da selvageria sobrepondo-se a vida civilizada. Fala-se da chacina que as mulheres de Lemnos causaram contra seus maridos. As mulheres lemnianas ficaram em falta com Afrodite, assim, a deusa as pune com o fardo de carregar um terrível odor. Tal fato leva os homens a trocarem suas mulheres por companheiras escravas da Trácia, a vingança das lemnianas é o massacre de todos os homens de Lemnos. Hipsipila, filha do rei Taos, o salva, tirando-o da ilha. Neste momento tem início em Lemnos, uma ginecocracia, com Hipsipila no comando⁶. O que se tem aqui é uma inversão completa da ordem, a sociedade grega foi patriarcal em todos seus períodos históricos, em última análise inversão da ordem é o estabelecimento da selvageria:

(...) até chegarem os argonautas – cabe lembrar que Péas, pai de Filoctetes, foi um dos argonautas. Os argonautas então se casam com as lemnianas em um festival. Como as lemnianas, Filoctetes é assolado pelo mau cheiro, um dos aspectos da sua doença, que torna a sua presença repugnante (DAGIOS, 2012, p. 113).

Lemnos recebeu então a pecha de local selvagem por excelência, no tempo de Heródoto todo e qualquer ato considerado de selvageria era dito “*atos lêmnios*”. Sófocles articula a solidão de Filoctetes com todo esse universo mental que o mito de Lemnos envolve.

⁶ Para um estudo acurado sobre as narrativas míticas sobre Lemnos, Cf. a obra *Le crime de Lemniennes*, de Georges Dumézil.

Os cidadãos nas arquibancadas do teatro de Dioniso eram remetidos à bagagem cultural do mito enquanto assistia-se a tragédia, tudo isso aumentava o efeito da ação, do trágico. Se o espaço da ação era simples – em comparação com cenários atuais – todo arcabouço mítico que era evocado na representação de uma tragédia realizava sua função, impactar o espectador da peça. Com Filoctetes, por certo, não foi diferente. A solidão do arqueiro, o local da ação que é pura penúria, articulado com o fundo mítico, criou um universo de ação selvagem, onde o humano está sempre um passo atrás de realizar-se como tal, não é completo. De fato, o único humano presente em Lemnos – Filoctetes – é um ser com uma moléstia, está definhando, vive em uma estreita linha estendida entre a impossibilidade da selvageria e a insistência da preservação do estatuto humano. Possui o arco de Hércules, utiliza-o não para fins nobres, mas para caça, constrói utensílios de madeira sem acabamento algum, sem beleza alguma, nada que lembre a arte helênica. Filoctetes pode ser descrito como uma casca, uma imagem ambígua entre o humano e a besta, mas que abriga de certa forma, um homem, um grego.

Detive-me nas colocações acima no aspecto desastroso e selvagem da ilha de Lemnos, pretendo dar seguimento a discussão sobre a selvageria e abandono, trabalhando agora na descrição do próprio Filoctetes.

Em certo momento o Coro faz uma descrição da situação de Filoctetes nas seguintes palavras:

Coro: Sou solidário: como,
sem alguém que o assista,
sem um sócio que o esguarde, infeliz, sozinho sempre,
padece de moléstia que não cede,
desnortado às imposições da vida?
Pergunto-me como o sem-moira não esmorece.
Ó golpes dos venturosos!
Ó ser humano, triste estirpe, que desborda em seu percurso!
Será possível apontar um único
que o supera
no âmbito das famílias mais tradicionais?
Sucumbe só, ninguém nas cercanias,
feras de pelame ereto, mosqueadas,
o ciceroneiam.
Esfaimados e combalidos,
desperta piedade,
acabrunhado por aflições
sem cura e sem cuidado.
Seu reclamos de amargura ecoam
na ênfase do longitrom (vv. 169-190).

Na primeira parte desta citação interpreto a mensagem de Sófocles da seguinte maneira: o autor discute a formação do estatuto humano. A construção do homem enquanto ser destinado a viver em comunidade não permite que, a sua humanidade possa ser edificada e alcançada em solidão. Em uma comunidade de iguais – *isoi* – cada membro do corpo político serve de diapasão um para o outro. A relação intra sociedade se pauta na livre convivência dos iguais. Por este motivo é que Filoctetes está descarnado, quase outra coisa que não humano. Por dez anos o herói não pode elaborar a si, construir-se como membro de uma comunidade – *koinonia* – para ele não há uma medida, no pensamento grego esta construção não pode prescindir do convívio entre humanos. Neste sentido, Filoctetes só é humano porque ainda guarda em si características anteriores a sua desgraça, mas em Lemnos este fluxo é interrompido, luta para manter o que ainda lhe resta de civilidade.

O Coro tem em sua posição, cantar as desgraças e a situação calamitosa do ser abandonado, fica claro a caracterização de Filoctetes como uma infinita solidão, um pesado abandono, não há um companheiro com quem possa contar. A vida do herói se define pelo trágico, ou seja, a existência o esmaga, a contingência não permite outra possibilidade que não a solitude. Filoctetes possui uma “não vida”, pois para o grego, é em comunidade que a existência civilizada deve acontecer (REINHARDT, 2007, p. 187).

Em certo momento da peça Filoctetes ao perceber que há alguém em Lemnos procura o contato, e descreve a si mesmo:

Filoctetes: Forasteiros,
quem se encoraja a manobrar os remos
rumo a terra sem porto e sem morada?
Ignoro estirpe e pátria de onde vindes.
Quem sois? O estilo do vestuário evoca
em mim a Hélade adorável! Quero
ouvir como falais. Perplexidade
ou medo não pretendo despertar
como meu aspecto rude. Só, tristíssimo,
um deserddado, um traste sem amigos,
mereço piedade (...) (vv. 219-229).

Começo a análise desta citação por algo que não está nela, ao menos não explicitamente. No mito grego, Filoctetes é um herói, por tanto, um ser diferenciado que, bem-nascido pertence a uma casta de guerreiros nobres, homens superiores normalmente descendendo de linhagens que remontam a um ancestral divino. Ao colocar no teatro, diante dos cidadãos, um herói reduzido à situação de arremedo humano, certamente, Sófocles imprimiu um efeito trágico aos olhares daqueles que no teatro estavam. O poeta também passa

uma mensagem: não importa quão glorioso seja o homem, a vida esmaga a todos com o mesmo peso, este é o fio trágico no qual o humano encontra seu caminho. Está de acordo com o sentido trágico de que tudo no teatro é um problema a ser questionado, o herói na Tragédia Grega já não é um modelo – como outrora foi nos textos homéricos ou nas poesias de Píndaro – no contexto da cidade democrática a figura heroica e seu peso são vistos como problemática (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988, p. 14-15). Se a inflexibilidade do herói remete ao passado arcaico, o desfecho das tragédias é reflexo da democracia, nenhum herói trágico detém a resolução dos problemas, que em cada peça é representado, o triunfo é dos valores da nova cidade isonômica.

Ainda sobre a citação. Mais uma vez Sófocles ressalta a descrição de abandono da ilha, uma “*terra sem porto e sem morada*”. Peço que o leitor siga a seguinte linha de raciocínio: com as análises interpretativas sobre o estado de abandono de Filoctetes e Lemnos como local da não-humanidade, proponho pensar na própria Atenas. A cidade era reconhecida, entre outros elementos, pelo seu porto, o Pireu, que a colocava em contato com todo o Egeu. De fato, Atenas era o centro do Mediterrâneo, política e culturalmente. O período em que *Filoctetes* é encenada é relevante na presente análise. O ano é 409, é o fim da Guerra do Peloponeso, Atenas já possui poucas forças, e vislumbra sua derrocada. Sendo a Tragédia Grega a política no teatro em forma de espetáculo político, e não se deve esquecer que Sófocles foi um cidadão estreitamente vinculado com sua cidade. Assim, é plausível que este fim de período glorioso da *polis* ateniense fosse discutido no enredo trágico de Filoctetes.

Com isso em mente, volto a dissecar a citação anterior. O arqueiro se referiu à Lemnos como local sem nada que lembre algum porto para embarcações, uma das consequências da guerra entre Atenas e Esparta foi justamente uma destruição dos portos, que levou ao empobrecimento das trocas comerciais, praticamente isolando a cidade do mundo (MOSSÉ, 1985, p. 41). A própria ilha de Lemnos no V século pertencia a Atenas, assim o autor faz uma referência à própria *polis* como local arrasado por uma guerra entre helenos.

O aspecto de selvageria é novamente evocado ao fim da citada passagem, Filoctetes tem consciência de seu estado bárbaro – do ponto de vista helênico –, pois sabe o medo que sua aparência pode causar. Lamenta a solidão, desespera-se por não ter amigos com quem contar. A plateia composta por cidadãos, dotados do pensamento de que o homem só se realiza na vida comunitária, como afirma Aristóteles (Política. 1253a), creio, era impactada sensivelmente, refletindo assim, sobre a situação de Atenas no momento.

No seguimento da passagem há uma indagação de Filoctetes sobre a identidade e origem dos estranhos, Neoptólemo responde:

Neoptólemo: Começo pelo início: somos gregos,
se é isso o que desejas conhecer (vv. 232-233).

Ao ouvir, depois de dez anos de solidão, novamente a fala grega, Filoctetes se comove:

Filoctetes: Que som sutil! Depois de tanto tempo,
ouvir desse rapaz a doce música!
Que negócio te move, qual o intuito
da brisa ao te impelir, brisa propícia?
Não queiras me encobrir tua identidade! (vv. 234-238).

Para o herói, a fala grega soa como uma música, uma bela e suave harmonia perdida, e que, ao entrar novamente em contato, traz à Filoctetes o mundo da linguagem, é por meio desta maneira singular de comunicação que, as relações entre os homens são ordenadas, postas em série inteligível, em última instância, civilizada. O que Filoctetes volta a ouvir não é apenas a língua de sua “pátria”⁷, o belo som da fala helênica abre como que, um sulco de humanização no ambiente selvagem que habita, anuncia ao arqueiro abandonado uma possibilidade de volta à vivência humana. A sequência de perguntas à Neoptólemo pode ser percebida como uma explosão da vontade de comunicação, voltar à possibilidade do diálogo é retornar ao exercício do *logos*, dizer a realidade, o mundo. É ordenar tudo que está a sua volta:

Entre a política e o *logos*, há assim relação estreita, vínculo recíproco. A arte política é essencialmente exercício da linguagem; e o *logos*, na origem, toma consciência de si mesmo, de suas regras, de sua eficácia, através de sua função política (VERNANT, 1986, p. 35).

O estabelecimento do *logos* político é a existência de um tipo de razão que, amoldada no e pelo discurso, se constitui em um modelo de pensamento que na *polis* assume a preeminência. O homem só pode realizar-se plenamente em comunidade – *koinonia* – pela prática da linguagem, do convívio, exercitada na *polis* que cria e preserva os fundamentos das relações entre os homens, em comunidade o humano pode deliberar. Fala e ouve, reflete e conclui.

⁷ Utilizo do termo “pátria” apenas no sentido de referenciar o lastro cultural comum que havia entre os gregos, seja do Peloponeso, Ática, Jônia ou Magna Grécia. Na antiguidade “Hélade” nada mais era que uma abstração, pois os helenos durante este período não se constituíram como uma unidade nacional, ou política, muito embora, detivessem uma relação de identidade cultural.

Na sequência do diálogo, Filoctetes ao ouvir de Neoptólemo que, o último não sabe nada sobre o herói, sente-se subsumido no mundo, e lamenta:

Filoctetes: Ó infeliz de mim! Cruéis deidades!
Passo o que passo e sobre mim notícia
alguma chega em casa, ao Mundo Grego? (...) (vv. 254-256).

Citação rica em informações. Filoctetes chora por notícia alguma sobre ele chegar ao mundo grego. Isso remete imediatamente a uma questão antes mencionada, Lemnos na tragédia *Filoctetes* é uma *não-polis*, a ilha esta completamente apartada do mundo considerado civilizado na ótica helênica. “*A ausência de registro na tradição é o pior legado para um herói, que luta por esse motivo, para que seus feitos se eternizem nas narrativas*” (VIEIRA, 2009, p. 178). É como se toda esperança antes reacesa com a volta do contato humano se diluísse diante de si. Vendo que é um nada, pois não é lembrado, perde-se novamente em solidão, retoma os malditos lamentos. Ao não ser lembrado, perde todo seu *kléos* – a glória de ser lembrado por outrem, pelos seus feitos – algo para o grego de fundamental importância. Filoctetes vive uma morte cívica (SANTOS, 2008, p. 42).

O lamento segue:

Filoctetes: (...) só contava comigo nesta grota
pobre. Aos reclamos do meu ventre, o arco
mirava na paloma peregrina,
e o alvo que da corda a flecha achasse
cabia a mim, coxeando deste pé
inútil, resgatar. Garganta seca
ou trêmulo por golpe de nevasca
invernal, precisando de gravetos,
o infeliz com quem falas dava um jeito,
serpeando pelo chão. Não haveria
fogo não fora uma fagulha oculta
que do atrito das pedras me surgia, salvando a vida.
Exceto a cura, tudo
mana do fogaréu neste habitáculo (...) (vv. 287-306).

Os dez anos de abandono de Filoctetes foram um eterno retorno, dia-após-dia, sempre o mesmo, solidão esmagadora. Na passagem acima, pode-se perceber que mesmo com seu padecer, o herói procura manter seu estatuto de humano. O fogo é o que melhor representa tal fato, pois, foi pelo fogo, concedido pelo titã Prometeu que, o homem sai de sua selvageria, se transforma em artífice de sua própria existência.

Quando Neoptólemo faz menção de deixar Lemnos, Filoctetes diz mais palavras carregadas de dor e angústia:

Filoctetes: Apelo filho, aos teus antepassados,

apelo ao mais sagrado no teu lar,
mais que apelar, imploro: não me relegues
à solitude quem sucumbe ao mal,
não só ao mal que vês, ao mal que ouviste
dizer que me contrista. Vai! Acolhe
um peso morto
sei o estorvo enorme
que é embarcar um fardo
assim, contudo embarca! A pequenez constrange o nobre,
que se perfaz na generosidade.
A omissão carece de beleza
(...) Não me sequestres do convívio humano!
(...) Tudo é perigo e risco
nesta vida, seja boa a maré, seja madrasta.
Deve se acautelar o homem próspero,
Para evitar surpresas da desgraça (467-506).

Nesta citação, Filoctetes pode ser visto como um suplicante. De fato, prestar ajuda a um suplicante fazia parte de um conjunto de regras, normas e preceitos que, um grego deveria manter na ordem do dia (THEML, 1998, p. 46). E como já mencionado, uma figura mítica, heroica, como é o arqueiro, ao figurar nesta situação potencializa o efeito trágico.

No final da citação explorada, Sófocles coloca uma visão de mundo, a noção de vida trágica e homem trágico. A contingência pode destruir o humano, este ser que, naquele momento descobria, investigava os limites de sua ação. Não possui uma autonomia completa sobre sua existência, o que se vê é uma autonomia relativa, ou restritiva pode-se dizer. Com isto, entende-se que, o século V é o momento em que o humano está descobrindo-se como artífice de si, de sua vida, quer dizer, pensa plano humano, o mundo, a existência, já não mais mediados tacitamente por potências divinas, mas antes, a partir do próprio âmbito humano.

Mas ao construir sua possibilidade de ação, acaba esbarrando com algo maior, superior a ele, o mundo das deidades. Cada vez que o homem tenta passar esse limite, é punido. A contingência, ou seja, todo esse plano que ele não tem controle, o destrói, o faz subsumir-se em uma espécie de insignificância, isto é o trágico.

Sófocles na mesma citação coloca a questão da omissão. Sendo a Tragédia manifestação do pensamento político, de imediato remeto à problemática da participação do cidadão ateniense nos negócios cidade. Atenas foi a *polis* do compromisso político entre os cidadãos por excelência:

A política era, para a grande massa dos cidadãos, a única parte de suas vidas que superava o mundo concreto das relações domésticas, de parentesco ou de vizinhança, assim como a de pequenas comunidades de culto. Era a única esfera em que não atuavam somente como pessoas privadas, o único

domínio onde tomavam parte em uma forma de vida pública. E, se cremos no testemunho de nossas fontes, parece que se formou uma singular solidariedade neste domínio. Não existiam adesões opostas suscetíveis de romper a solidariedade política: nem de tipo econômico, nem de tipo religioso e nem sequer oposições como as que acontecem entre partidários do antigo, e partidários do novo em nossas sociedades modernas. Com exceção de alguns aristocratas, nesta comunidade de cidadãos existia, ao contrário, uma unanimidade de interesses políticos, assim como uma homogeneidade de concepções de vida (MEIER, 1985, p. 17).

Certamente que tal efeito era possível, pelo menos facilitado, devido ao diminuto espaço geográfico de Atenas. A cidade era uma sociedade do “face-a-face”, os cidadãos estavam constantemente sob o olhar e vigilância mútua (FINLEY, 1988, p. 30). Desta maneira, fica clara a noção de cidadania em Atenas, um ideal positivo e ativo, pois o cidadão só podia encontrar sua realização na efetiva participação cidadina. Pode-se entender que, Sófocles ao montar uma tragédia em que o cenário é o exato oposto de uma cidade, e que a situação do herói trágico se afasta por completo do estado de civilização, deixa entrever uma possível interpretação: a tragédia como que diz, é na cidade, participando de tudo quanto diga respeito aos seus assuntos cívicos que, o homem pode construir a si como ser civilizado. Estando fora da cidade e do convívio, o humano habita um espaço desordenado, sempre no limite da animalidade.

Tragédia, política e Atenas: uma interpretação

Sigo o presente estudo procurando “ler” a cidade de Atenas no final do V século em seu aspecto político a partir das citações de *Filoctetes* trabalhadas na seção anterior.

De início propõe-se descrever o cenário – em linhas gerais –, Atenas:

Durante o V século, na época das tragédias, Atenas era uma cidade extremamente turbulenta, inquietante, excessiva: fascinante, temida, admirada, uma cidade sem dúvidas intrigante e complexa no seu tempo (MEIER, 1991:15).

O V século em Atenas é chamado o “Século de Péricles” (MOSSÉ, 1982, p. 35), devido à atuação daquele como *strategon* na cidade. Pode-se entender Atenas de Péricles como período de maturidade do modelo democrático antigo. A democracia ateniense se

sustentava, entre outros aspectos, em três pilares fundamentais, a soberania do *demos*⁸, igualdade dos cidadãos – *isonomia* – e *isegoria*, direito de tomar a palavra em público.

Em Atenas, a soberania do *demos* se expressava no poder de decisão que se encerrava na Assembleia – *Eclesia* – era este órgão que detinha a palavra final na votação das propostas encaminhadas pela *Boule dos Quinhentos*. Mesmo Péricles, escolhido *strategon* por quinze anos seguidos, deveria convencer a Assembleia sempre que desejasse passar alguma proposta (FINLEY, 1988, p. 36-37), isso demonstra que, no limite, era nas mãos da Assembleia que o princípio de autoridade estava posto. A *Eclesia* se reunia na parte urbana de Atenas – *Pnix* – na época de Péricles a maioria dos que habitavam essa área era composta pelos *tetes*⁹ (MOSSÉ, 2004: 76) – os cidadãos mais pobres – assim, o modelo democrático de Atenas era em certa medida, o regime político dos mais pobres.

Se havia a soberania do *demos*, esta foi alcançada pela *isonomia*, igualdade política dos cidadãos. Esta igualdade pode ser descrita como sendo basilar, pois criava nos cidadãos um sentimento de identidade, de comunidade. Certamente que as desigualdades no plano social existiam, pobres e ricos havia:

Todos que participam do Estado vão definir-se como *Homoioi*, semelhantes, depois, de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais. Apesar de tudo que os opõe no concreto da vida social, os cidadãos se concebem, no plano político, como unidades permutáveis no interior de um sistema cuja lei é o equilíbrio, cuja norma é a igualdade (VERNANT, 1986, p. 42).

Na prática política a situação concreta social não era o que contava, esses grupos estavam em uma mesma distancia do poder. Um elemento fundamental para que os pobres tivessem acesso à possibilidade da participação política, era o *misthos*¹⁰, espécie de subsídio fornecido pela frequência nas atividades públicas. Visava compensar, em parte, o tempo que o cidadão pobre não estava se dedicando ao seu sustento. A consciência política ateniense se desenvolvia conforme a participação dos cidadãos nos negócios da *polis*. E foi a extraordinária participação política dos cidadãos de Atenas que a fez entrar na história como a *polis* democrática por excelência.

Pode-se dizer que a *isegoria* foi a concretização da igualdade política em Atenas. Em sua busca constante pela comunicação, o cidadão detinha o direito de tomar a palavra nas

⁸ O termo “*demos*” se apresentava de maneira dúbia na antiguidade grega, ora poderia ser utilizado para referenciar o conjunto completo de todos os cidadãos, ora surgia para designar apenas a maioria pobre da cidade. Assim o significado do termo nas fontes é mediado na maneira como ele é usado por tal ou qual autor.

⁹ Na divisão censitária de Sólon constituíam a última classe.

¹⁰ Entre os historiadores há como um consenso que esta medida foi instaurada por Péricles.

reuniões da Assembleia, por exemplo. Ao perceber sua comunidade como soberana, o *demos* habitando locais equitativos na esfera política, o cidadão tinha consciência que sua palavra tinha efeito, ouvia e falava, pelo uso da *isegoria* participava decisões da cidade.

Não se deve exagerar na imagem pacífica da Atenas democrática. Foi uma cidade com alto grau de turbulência externa e interna. Encabeçando a Liga de Delos, Atenas, exercia cada vez mais poder sobre seus aliados deixando pouca margem para ações independentes de cidades que compunham a Liga. No interior, a cidade sempre se viu em meio a disputas de poder, pelos vários homens notáveis da cidade. Mesmo havendo entre grande parte dos cidadãos, ricos¹¹ ou pobres, um concerto que julgava o modelo democrático o caminho a seguir, também em Atenas existia grupos antidemocráticos. Estes nunca aceitaram completamente a soberania do *demos*. *A Constituição do Velho Oligarca*¹² mostra claramente este outro pensamento – oligárquico –, que havia na cidade, no texto os pobres são descritos como ignorantes incapazes de elaborar pensamentos e julgamentos complexos que possa contribuir com a cidade (MOSSÉ, 2004, p. 176).

Com a Guerra do Peloponeso e suas consequências para Atenas, as crises começaram a se tornar mais fortes e constantes, uma guerra entre gregos que durou vinte e sete anos. É no momento final deste conflito que *Filoctetes* é levada à encenação no teatro, ano de 409. A cidade de Atenas vivia momentos de aflição, pois neste estágio, o embate já se encaminhava para o final, a cidade ática estava próxima de sua derrota. Desta forma, internamente a tensão entre grupos democráticos e antidemocráticos se acirravam.

Sófocles ao montar a tragédia *Filoctetes* estava envolto no cenário político de então. O texto aqui apresentado, neste momento, quer colocar em relevo que a solidão de Filoctetes pode ser interpretada como um discurso que revela a ambiguidade da cidade de Atenas, ou seja, *polis* que encontrou um concerto democrático entre os setores de sua população, mas que neste modelo de convivência mantinha um estado de, ora equilíbrio, ora tensão social.

A solidão do herói em Lemnos é pernicioso a ele, do mesmo modo que seria ao ateniense do V século. A vontade de comunicação que Filoctetes demonstra é fundamento da vida humana, a busca da vontade de comunicação ilimitada entre os homens, os coloca em um espaço intelectual determinado, o da linguagem, fruto e processo de civilidade. O cidadão fala

¹¹ Membros das famílias aristocráticas, e também homens que haviam enriquecido mediante o trabalho artesanal, como por exemplo, Cleofon, curtidor de couro, que Aristófanes menciona em “*As Vespas*”.

¹² Atribui-se o texto à Xenofonte. Mas, a certeza de sua autoria se perdeu no tempo.

e ouve, reflete e conclui, pela discussão e exercício de linguagem, constrói sua *paidéia*, sua formação.

Neste sentido, proponho uma interpretação da situação de Filoctetes: A solidão do herói arqueiro pode ser entendida como o afastamento do ateniense de seu estatuto de cidadão. Nesta interpretação se faz uso de determinadas categorias, que dividem, de forma didática apenas, o “ofício” do cidadão em “Atividade Política”, “Atividade Militar” e “Atividade Religiosa” (MOSSÉ, 1999, p. 51-66).

Começo pelo último item. A religião grega – se é possível usar o termo – não está afastada da vida cívica cidadina. Participar dos rituais, festivais, sacrifícios é ajustar-se em uma prática simbólica que constrói e costura o ideal de unidade de uma *polis*, honrar uma mesma divindade é um dos princípios de reconhecimento entres os *politai* de uma comunidade, *koinonia*. A desgraça de Filoctetes é uma sucessão de faltas religiosas, em primeiro lugar, é picado pela serpente de Crisa, pois transpassou o limite do solo sagrado, em um segundo momento, devido a sua chaga e conseqüentemente gritos de dor, não permitia que os gregos realizassem as libações e honras divinas, então é abandonado. Em Lemnos não realiza rituais religiosos, é um deserdado diante das potências divinas.

Quanto à atividade militar, Filoctetes também figura como um pária, deixado para trás durante uma guerra – de Tróia – é um guerreiro impedido de lutar. Para os helenos, a detenção dos direitos de cidade, possibilidade de participação efetiva nos negócios públicos, era mediada pela participação na defesa da *polis*. Filoctetes possui o arco invencível do grande Hércules, mas com ele apenas caça seu alimento, atividade considerada selvagem para os gregos. O armamento heroico não é utilizado para seu fim real, a batalha.

Por último, discorro sobre a atividade política que, em última instância é o plano que perpassa e costura todos os demais da vivência grega. A atividade política era onde o cidadão se realizava enquanto tal, na participação direta na cidade o *polites* se afirmava.

A participação política era inseparável da noção de cidadania, Tucídides sobre isso, diz:

Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o

debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação (TUCIDIDES, II. 40).

Filoctetes está apartado deste aspecto também. Em Lemnos, sozinho, vive fora da comunidade política. Existe uma morte social de acordo com o ideal grego de convivência civilizada em *poleis*. Filoctetes ao não participar de uma comunidade é impossibilitado de exercer a soberania, que a um cidadão era aberta no interior de sua cidade. Do mesmo modo, sua *isonomia* não pode ter existência em Lemnos. Na ilha, ambiente selvagem, não há nada que remeta a um conjunto de normas, que ordene a vida – *nomos* –, esta ausência de ordem empurra o herói para uma vida barbarizada. Neste sentido, pode-se imaginar o quão trágico é a vida de Filoctetes, uma década de abandono, afastado de sua comunidade procura manter o que lhe resta de humanidade. Nesta solidão o arqueiro é privado da linguagem, pois habita um local onde o único humano é ele próprio, desta forma, é a falta da possibilidade do diálogo, do debate, exercício da linguagem, do *logos* político que faz Filoctetes equilibrar-se na linha fronteira do mundo selvagem. A cidadania não era apenas um estatuto, mas uma função positiva, ou seja, de ativa participação.

Parágrafos atrás se afirmou que a solidão de Filoctetes poderia ser compreendida como um afastamento do cidadão de sua condição de participante ativo na comunidade. Para dar seguimento a proposta interpretativa volta-se a relacionar *Filoctetes* com o cenário político em Atenas ao final do século V. Com efeito, na discussão que vou me ater agora, insere-se outra variável no estudo, o *nome-palavra* Filoctetes. Se decompuser o termo, temos: “*philo*” designando “amigo” e “*ktetés*” aproximando-se de “*tetes*”, última classe soloniana, os mais pobres atenienses (CANDIDO; CORNELLI, 2010, p. 56). Outra interpretação do termo Filoctetes – não oposta a anterior – proposta pelo tradutor Fernando Brando dos Santos (SANTOS, 2008, p. 40) é, “*philo*” mantendo sua aproximação com “amigo”, pois está no campo semântico de *phília* (amizade). A segunda metade do termo correspondendo à *ktétes*, significando “adquirir algo”, “ter algo”. Assim, Filoctetes pode ser entendido como “tendo amigos”, “possuidor de amigos”, o que faz de sua solidão algo mais denso e trágico. Sua situação em Lemnos é a total falta de relações pessoais. Desta maneira, a situação de penúria, as vestes em frangalhos que Filoctetes usa, e mesmo seu próprio nome o aproxima dos cidadãos atenienses pobres que, em 411 foram alvejados por medidas oligárquicas retirando-os da condição de cidadão, não eram mais *philoí*, amigos:

Assim, de modo paradoxal, na versão de Sófocles, Filoctetes vive por dez anos privado até mesmo da realização de seu nome, que seria “aquele que

possui amigos”, em um espaço de isolamento social, cívico e religioso (SANTOS, 2008, p. 41).

Até as Guerras Medo-Pérsicas, os *tetes* não constituíam em Atenas um grupo que detivesse peso político e decisório nos negócios da cidade. A batalha de Maratona e de Salamina – os últimos enfrentamentos contra os persas – foram encabeçados por Atenas e sua frota naval. A base desta armada se constituía justamente pelos cidadãos pobres, que foram recrutados como remadores das embarcações, trirrenes.

A participação dos pobres na defesa de Atenas fez nascer nestes certo grau de consciência política, e desta forma, a reivindicação pela participação efetiva e direta nos negócios da *polis*. Algo, de certa forma natural, visto que se coadunava com a máxima grega de participação política e militar estar em fluxo recíproco.

A democracia em Atenas se desenvolveu em relativa tranquilidade durante o V século, mesmo com o desenrolar da Guerra do Peloponeso. Mas, no encaminhamento final da contenda entre os gregos, no ano de 411, um grupo de partidários contrários o modelo democrático de Atenas empreenderam um golpe oligárquico – que de fato, não chegou a se estabelecer tacitamente –, mas um clima de medo se instalou em Atenas durante alguns meses, a opressão em relação à democracia gerou conflitos internos na cidade¹³. Houve assassinatos cometidos pelos antidemocráticos (MOSSÉ, 1982, p. 66). O pouco que o regime oligárquico conseguiu foi suficiente para abalar por um breve momento a Atenas democrática, como, por exemplo, supressão do *misthos* – subsídio destinado aos cidadãos pobres para poderem participar da vida política de Atenas sem prejudicar sua subsistência –, o corpo dos considerados cidadãos foi reduzido ao número de cinco mil – cinco mil mais ricos –, instauraram uma *Boule* de quatrocentos membros – também censitária –, destituindo a autoridade da *Boule dos Quinhentos*. Tais medidas atingiram severamente a classe dos *tetes*, pois foram apartados da vida política. No pensamento dos oligarcas, o cidadão pobre é destituído de toda e qualquer virtude, inclusive o saber deliberar, ter uma vida política.

O acontecimento não durou mais que meio ano, e os partidários da democracia, principalmente a frota da armada – justamente composta pelos *tetes* – restituíram o regime, Tucídides informa sobre o acontecido:

Os soldados, por sua vez, reuniram uma assembleia que destituiu os estrategos precedentes e todos os trierarcas suspeitos, depois nomeou outros

¹³ As origens deste ataque oligárquico estão nas consequências desastrosas da expedição atenienses à Sicília, no ano de 415.

estrategos e trierarcas para os substituir, entre eles Trasíbulo e Trasilo. Os homens tomaram a palavra e encorajaram-se mutuamente, dizendo que não deviam preocupar-se por a cidade ter rompido com eles; porque tinha sido uma minoria a separar-se de uma maioria, mais bem apetrechada, sob vários todos os aspectos. De fato, como toda armada estava em seu poder, poderiam começar por obrigar as outras cidades do império a fornecer o dinheiro, exatamente como se ainda estivessem ligados a Atenas; em segundo lugar, e como possuíam a armada, tinham mais condições para procurar aquilo de que precisavam. Só a sua posição avançada em Samos tinha permitido aos Atenienses dispor do acesso ao Pireu e agora, se os outros se recusassem a restituir-lhes o direito de cidadania, eles estavam numa situação que lhes permitia correr com eles do mar, e não o contrário. Além disso, o auxílio que a cidade lhes dava para vencer o inimigo era pequeno e sem interesse; não tinham perdido nada, com gente que já não tinha mais dinheiro para lhes mandar – os próprios soldados é que tinham de o arranjar pelos seus próprios meios – nem tomava decisões válidas; ora é exatamente por estas razões que o Estado comanda os exércitos. Até neste aspecto os outros tinham cometido o erro de revogar as leis tradicionais enquanto eles as respeitavam e iriam tentar forçar os outros a voltar a cumpri-las; assim o exército também não era inferior aos homens que podem propor decisões válidas (TUCIDIDES, VIII. 76).

O relato do historiador antigo demonstra como o ideal democrático havia se introjetado entre a massa dos atenienses, pois, são estes que recuperam a democracia em Atenas.

Desta maneira, remeto o leitor a pensar em Filoctetes e na decomposição proposta do nome do herói. Neste sentido, volto à discussão que começou antes, ou seja, ver na tragédia em questão, na condição de abandono do herói arqueiro, pária social, apartado da vida política da cidade, uma relação com o contexto delineado. Sófocles, cioso de sua cidade e os problemas enfrentados no final do V século, seguindo a máxima da Tragédia Grega como espetáculo político, é verossímil que o autor, ao tratar de Filoctetes destituído de todo estatuto que o designaria como pertencente à comunidade dos cidadãos, colocava no *teatron* (local para ver) justamente o problema dos *tetes* e as consequências que sofreram com o golpe oligárquico, perdendo, enquanto durou o movimento, os direitos de participação política. Do mesmo modo que Filoctetes sofria por ter se tornado estranho ao mundo grego, não mais poder estar cercado de iguais, não mais participar dos desígnios da comunidade, também os pobres durante o modelo oligárquico se tornaram estranhos na sua própria comunidade, não sendo vistos como iguais politicamente, não poderiam exercer a efetiva e direta participação política, que em última instância definia o “ofício” do cidadão.

Desta forma, em *Filoctetes*, há uma preocupação em discutir, questionar a situação que Atenas estava passando. O autor, não poderia ver com bons olhos a supressão política

sofrida por aqueles que estavam na base, e de certo modo, sustentavam o poder militar ateniense. Interpreto a personagem Filoctetes como esta classe posta no teatro, a solidão do herói é o abandono que os pobres foram acometidos. A tragédia em questão passa-se no final da guerra entre gregos e troianos, mas a preocupação de Sófocles pode ser entendida como sendo em outro conflito, a Guerra do Peloponeso. Neste sentido é que justifico o presente estudo e sua ênfase na figura de Filoctetes e seu estado de abandono, bem como na situação selvagem que Lenmos é apresentada. Na condição do herói e seu habitat proponho uma leitura que vise interpretar tal tragédia como uma discussão por parte de Sófocles, da realidade ateniense de então, fim do V século, fim da Guerra do Peloponeso, visto que a *polis* ática se encontrava em um estado já de derrocada, sua derrota na contenda contra os espartanos assumia formas mais nítidas.

A tragédia *Filoctetes* pode ser compreendida como uma espécie de síntese do contexto histórico ateniense ao final do V século (CANDIDO; CORNELLI, 2009, p. 54). Sófocles viveu praticamente por todo o século V, foi testemunha da construção de Atenas como o maior poder do mundo clássico, e também assistiu o declínio de sua *polis*. Em Atenas presenciou, entre vários acontecimentos, o citado golpe oligárquico de 411. Sófocles discute a partir do abandono de Filoctetes uma noção cara aos gregos do período clássico – principalmente os atenienses – o cidadão só conta algo em sua cidade, na vivência e prática política (FINLEY, 1983, p. 34), ao ser abandonado Filoctetes não é nada, sozinho, não está em comunidade, portanto, está a meio passo da selvageria. A partir disto, penso nos cidadãos pobres que foram atingidos pela ação oligárquica já referida, ao serem afastados da possibilidade de participação política, estavam como Filoctetes – senão abandonados em uma distante ilha – apartados em sua própria cidade do poder de decidir sobre tudo quando fosse do interesse cidadão. Pois ao perderam o estatuto de cidadão, eram aviltados da política, que em sua natureza era uma prática coletiva, tendo por fim a deliberação em conjunto dos assuntos da cidade. Tal movimento ia de encontro da noção de *arché* democrática que pressupunha uma autoridade de comando igual entre todos os considerados cidadãos, e não de apenas determinados grupos. Igualdade que, possibilitava o desenvolvimento da democracia.

A esfera da ação política traduzia o envolver-se nas questões públicas, construir seus próprios espaços públicos de deliberação, ligar-se na cidade com seus iguais políticos constituía a única via para uma existência considerada livre. No período clássico, liberdade e participação política efetiva não podiam ser pensadas de maneira separada:

A privação de Filoctetes tem a ver com as conveniências da *polis*: está privado do convívio religioso porque não pode participar nem realizar os devidos sacrifícios; está privado do convívio social, pois não tem companheiros que lhe sejam solidários no sofrimento; privado do convívio político e guerreiro, pois não participa como um membro da comunidade das decisões e dos combates efetivamente (SANTOS, 2008, p. 45).

Filoctetes vive em condições que estão no limite da selvageria, abandonado pelo seu próprio povo. E que podemos fazer uma analogia em relação aos cidadãos pobres, que em 411 tiveram uma redução drástica dos seus direitos políticos, bem como, no estatuto de *politai*¹⁴. A tragédia *Filoctetes* se desenvolve com uma grande gama de diálogos entre os personagens. Em meu estudo peço licença ao leitor para recorrer diretamente ao fim da peça, pois nesse momento se encontra a citação utilizada para encerrar meu trabalho. Nos encaminhamentos finais da tragédia, Neoptólemo e Filoctetes estão preparados para abandonarem Lemnos em direção ao lar do arqueiro. Então surge o espectro de Hércules – *deus ex-machina* – o semideus ordena Filoctetes à volta ao contingente grego:

Hércules: Não ainda, antes de as nossas
palavras ouvires, filho de Péas:
anuncia que a voz de Hércules
escutas falar e que vês meu rosto.
Venho por tua causa, a celeste
Sede tendo deixado,
Tanto para te confirmar as deliberações de Zeus,
Como para reter o caminho pelo qual partes;
e tu minhas palavras escuta.
E a ti primeiramente mencionarei o meu destino,
por tantos sofrimentos sofrer e suportar,
imortal excelência obtive, que podes ver.
E a ti, fica sabendo, cabe isso sofrer,
para, a partir destes sofrimentos, teres a vida gloriosa.
Tendo ido com este varão à cidadela
troiana, primeiro que sejas aliviado deste triste ferida.
E pela excelência escolhido como o primeiro da armada,
Páris, que por natureza é causa destes males,
com minhas flechas tirarás da vida,
e destruirás Tróia, e despojos para teu palácio
levarás, prêmios recebendo do exército,
ao teu pai Péas nas encostas do ancestral Eta.
O que tomares como despojo deste exército
como memorial, com minhas armas, junto a minha pira
transporta. E a ti, filho de Aquiles, o seguinte
aconselharei, pois nem tu sem ele és forte

¹⁴ O chamado Golpe Oligárquico teria restringido aos cidadãos com posição censitária de hoplita ou superior podiam a prerrogativa de votar em assembleia, assumir cargos públicos ou mesmo atuar nos júris dos mais variados tribunais de Atenas.

para capturar a planície de Tróia nem ele sem ti,
mas igual dois leões aliados vigiai,
ele a ti e tu a ele. (...) (vv. 1409-1437).

Nesta citação, a primeira interferência de Hércules, percebe-se que a figura divina surge em cena com grande autoridade, interrompendo a ação para que todos escutem. Neste movimento informa os desígnios dos deuses. Fica claro que diante do plano das divindades, tudo parece insignificante.

Hércules discorre sobre seus sofrimentos. Afirma que Filoctetes deve suportar sua opressão, apenas assim pode chegar a sua glória, seu *kléos*. A seguir, Hércules afirma que, deve haver entre Neoptólemo e Filoctetes confiança mútua, pois é único caminho de alcançar o êxito em Tróia.

Desta maneira, Filoctetes é restituído ao ambiente humano, volta à vivência entre os seus pares, a aparição divina é capaz de reordenar o que antes era sem lógica. Na passagem acima é retomado que as ações dos homens devem ser efetuadas mutuamente, sem espaço para ações individuais. Ao retornar a sua comunidade, Filoctetes está novamente em condições de estabelecer relações pessoais.

Assim, retorno a aproximar o drama de Filoctetes com os cidadãos atenienses que haviam sido aviltados do direito político em 411. Entendo a volta do herói arqueiro ao convívio humano, como uma maneira de Sófocles discutir a imprescindível presença de todos os cidadãos atenienses em pleno exercício cívico.

Não se deve esquecer que segundo o vaticínio do oráculo, os aqueus só venceriam a batalha contra Ílion se em suas fileiras estivesse Filoctetes. Da mesma maneira, Sófocles, cidadão ateniense, deveria ter consciência que, a força de Atenas contra Esparta se encerrava na maioria dos pobres da cidade, pois eram eles que mantinham, como remadores, a potência da frota de Atenas. O retorno de Filoctetes está afinado com o fato de que, na Tragédia Grega a resolução dos conflitos se pauta pelos valores democráticos da cidade isonômica. Interpreto a volta de Filoctetes como uma afirmação por parte do poeta Sófocles na crença da cidade, Atenas, una, onde os interesses de grupos sectários deveriam ser suprimidos, ou ao menos subordinados aos interesses comuns do ateniense. Desta forma, é correto dizer, a política se discute no teatro.

Considerações finais

Desta forma, chega-se ao fim de mais um estudo que tem como matéria a Tragédia Grega. A Tragédia Grega é uma manifestação política, está em vínculo com a cidade, e a coloca no palco como matéria trágica. A pesquisa estabeleceu uma problemática, recorte temporal e temático bem restrito. Com efeito, procurei analisar o estado de solidão e abandono na tragédia em questão. A ilha de Lemnos foi o objeto inicial, em *Filoctetes* tal espaço surge como destituído de organização humana, não há civilidade. O estado de penúria evoca um local que não se encontra nos limites do mundo humano caracterizado pela organização empreendida pelo homem. A ação humana trava uma relação com o meio, no sentido de apaziguar o que está a sua volta, procura ordenar a existência, o mundo.

No pensamento grego clássico essa ordenação se dá no espaço da *polis*, fora dela o humano não se realiza, fora desta unidade a solidão pode corroer o homem. A situação em que Filoctetes encontra-se é a perfeita tradução do que a ausência do convívio pode causar ao humano. O herói vive só, foi privado da qualquer companhia, está fora da cidade, no limite entre um estado bestial e humano, se equilibra como pode em uma fina corda estendida entre esses polos. Todo universo de Filoctetes se opõe ao mundo do civilizado, está privado de participar da vida religiosa da cidade, afastado de sua função guerreira não conta em nada para cidade, no plano político está apartado por completo, não delibera, não poder falar com outro humano, expor seu pensamento, dez anos de destruição do estatuto civilizado.

Desta maneira, é possível observar na descrição de Filoctetes e Lemnos, uma aproximação com a Atenas do fim do V século. *Filoctetes* é encenada em 409, neste momento Atenas se via em meio a turbulências decorridas da crise que a Guerra do Peloponeso trouxera. O texto buscou estabelecer uma zona de problematização específica, ou seja, observar a partir de uma análise de Filoctetes a situação que, os cidadãos mais pobres – *tetes* – sofreram no ano de 411, devido um golpe oligárquico implantado em Atenas por grupos contrários ao modelo democrático que, não aceitavam a soberania política do *demos*. Na pesquisa detive-me quase por completo – com exceção de uma citação do fim da peça – na primeira parte de *Filoctetes*, a partir de citações que discorressem sobre a situação desértica de Lemnos e a descrição miserável do herói arqueiro, assim, creio ter levado meu objetivo inicial a bom termo.

O leitor pode ter estranhado o uso muitas vezes de estruturas frasais condicionantes, em determinados momentos coloquei minha interpretação de *Filoctetes* como “uma possível”, “algo verossímil”, “mesmo plausível”. Justifico a atitude, pois de fato, não há meios de

pesquisa que permitam saber se Sófocles pensou no problema do golpe oligárquico quando escreveu seu *Filoctetes*, o autor não deixou nada além do próprio texto trágico, não há indicação alguma do que se passava em sua mente quando escrevia determinada tragédia, tal questão nem mesmo configura um problema sério. Assim, penso que o importante é ter em mente que, na comunicação que havia, no teatro, entre o espetáculo trágico e a plateia dos cidadãos, o momento político do final do V século, a crise oligárquica constituíam um fundo intelectual comum, fazendo o espetáculo trágico inteligível por si só aos espectadores de *Filoctetes*. Desta forma, *Filoctetes*, dentre as inúmeras interpretações, pode ser vista como discutindo – também – a situação política de Atenas naquele momento, Sófocles colocou no teatro, diante dos cidadãos atenienses o problema da unidade da *polis*. Discutiu a crise que o modelo democrático passava ao final do V século.

Referências Bibliográficas.

ARISTÓTELES. Poética. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. A Política. Tradução Nestor Silveira. São Paulo: Edipro, 2010.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia dos mundos modernos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BURKERT, Walter. A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CANDIDO, Maria Regina; CORNELLI, Gabriele. A Arte do Ofício Trágico. In: História e Trabalho: entre artes e ofício, organizadores, Fábio de Souza Lessa e Andréia Cristina Frazão da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

DAGIOS, Mateus. Neoptólemo entre a Cicatriz e a Chaga: logos sofisticado, peithó e areté na tragédia Filoctetes de Sófocles. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FERREIRA, José Ribeiro. A Grécia Antiga. Lisboa: Edições 70, 1992.

FINLEY, Moses. Democracia Antiga e Moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONÇALVES, J. W. A Paixão pela Ação: Democracia Antiga. In: Teoria da organização nos clássicos e uma incursão na filosofia política contemporânea, organizadores, Hildemar Hech; José Vicente de Freitas. Rio Grande: Editora da Furg, 1991, pp. 108-112.

GOLDHILL, Simon. Amor, Sexo e Tragédia: como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

- HOMERO. Odisseia. Edição bilíngue, tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MEIER, Christian. De la Tragédie Grecque comme Art Politique. Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- _____. Introducción a la Antropología Política de la Antigüedad Clásica. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- MOSSÉ, Claude. Dicionário da Civilização Grega. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.
- _____. Atenas: a História de uma Democracia. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- _____. Péricles: o Inventor da Democracia. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- _____. As Instituições Gregas. Lisboa: Edições 70, 1985.
- REINHARDT, Karl. Sófocles. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- ROMILLY, Jacqueline. A Tragédia Grega. Lisboa: Edições 70, 1999.
- SANTOS, Fernando Brandão dos. Introdução. In: SÓFOCLES. Filoctetes. Edição bilíngue, tradução, introdução e notas Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- _____. O Deserto no Homem Desertado: reflexões sobre a concepção cenográfica da tragédia Filoctetes de Sófocles. Alfa, v. 35, pp. 161-167, 1991.
- SÓFOCLES. Filoctetes. Edição bilíngue, tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira, ensaio de Edmund Wilson. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. Filoctetes. Edição bilíngue, tradução, introdução e notas Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- THEML, Neyde. O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV séc. a.C.: o modelo ateniense. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- VERNANT, Jean-Pierre. Entre Mito e Política. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. As Origens do Pensamento Grego. São Paulo: Difel, 1986.
- _____. Mito e Pensamento entre os Gregos. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.
- _____.; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e Tragédia na Grécia Antiga vol. I e vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1988.

